

AS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO FORTE DE ORANGE

Marcos Antonio Gomes de Mattos de Albuquerque (*) (**)

(*) Laboratório de Arqueologia do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco

(**) Pesquisador do CNPq

Introdução

O Canal de Santa Cruz, antigo rio Jussará, separa a Ilha de Itamaracá do continente na porção norte do litoral do Estado de Pernambuco. Já em 1516 com a Feitoria de Cristóvão Jaques aquele era um dos portos mais freqüentados do litoral. Ali desembarcara em 1535 o primeiro Donatário, Duarte Coelho. Deste modo, a área que constituía o epicentro da colonização da capitania de Pernambuco, manteria por muito tempo grande importância geopolítica. Os portugueses estabeleceram suas defesas na Vila Conceição, mais próxima ao porto. Os holandeses, tão logo dominaram Olinda e o Recife, já em 1631, voltaram suas atenções para o porto mais antigo, que atendia aos engenhos e vilas do norte. Paulatinamente, construíram uma estrutura de defesa planejada aos moldes holandeses, a que deram o nome de Forte Orange.

Após a saída dos holandeses de Pernambuco, em 1654, o forte foi ocupado pelos luso-brasileiros e posteriormente modificado. Este novo forte recebeu a denominação de Fortaleza de Santa Cruz, porém, no inconsciente coletivo, permaneceu a denominação de Forte de Orange, como ainda é conhecido.

Metodologia

O estudo arqueológico do Forte Orange envolveu o levantamento de fontes documentais primárias e secundárias no Brasil, em Portugal e na Holanda, que se mostrou de grande valia tanto na programação da abordagem do terreno, quanto na interpretação das estruturas resgatadas. O trabalho de campo abrangeu três fases distintas:

- A análise de estruturas arquitetônicas presentes;
- Prospecção geofísica, aplicada na busca de eventuais estruturas externas de defesa;
- Escavação sistemática nas diferentes áreas funcionais do forte, envolvendo a praça de armas, as dependências, os terraplenos e ainda trechos do fosso e hornaveque, registrados na iconografia.

A escavação foi realizada utilizando-se distintas técnicas, adequando-se às necessidades das características do terreno, aliado às expectativas relativas ao trecho.

Resultados

Da fase mais antiga, foi identificada uma grande trincheira, e uma grande área, provavelmente um alojamento. Da última fase holandesa, conhece-se agora os limites de sua praça de armas, as fundações daquelas estruturas, além de parte do piso das dependências, a casa de pólvora, em parte construída com tijolos de origem holandesa, próprios para uso em áreas que se buscava isolar da umidade, um poço que abastecia o forte, com técnica de construção condizente com exemplos encontrados em escavações de estruturas do mesmo período na Holanda.



Fig.1 Vista parcial da escavação da praça de armas.

Foi resgatado um enorme conjunto de fragmentos de artefatos representativo dos distintos períodos de ocupação militar da área: peças do sistema de defesa, como armas brancas e de fogo, munições, palamentas, etc.; peças do cotidiano 'doméstico' das tropas, representado pela louça e tralha de cozinha; moedas perdidas e talvez escondidas (conjunto de moedas reunido) que abrangem desde as primeiras décadas do século XVII ao século XIX.



Figura 2 - Fragmento de faiança grossa.

Os resultados obtidos na escavação do Forte Orange trazem novas perspectivas para o conhecimento das estruturas de defesa holandesas no Brasil, e oferecem um forte potencial para exposição.

Mais Informações

Esta e outras pesquisas arqueológicas estão no site:

www.magmarqueologia.pro.br

E-Mail do Autor

marcos@magmarqueologia.pro.br